

Algo se perdeu na saúde da família

Programa que substituiu Saúde em Casa recebe queixas da comunidade. Governo espera melhorá-lo até o final do ano

Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

Na última terça-feira, a líder comunitária Maria de Fátima Oliveira descarregou toda a sua raiva no médico do posto de saúde nº2, em Santa Maria. Desde o início do ano, sua irmã não recebe os medicamentos e o tratamento para as deficiências que provocam crises de agressividade. A comparação é inevitável. O Saúde da Família foi uma promessa que em sua opinião não se cumpriu. Até o ano passado, tinha a visita de um médico da rede pública duas vezes por semana em casa.

“O médico não tem culpa. Eu estava muito nervosa. Mas o Saúde em Casa terminou, e minha irmã ficou sem assistência”, desculpa-se Maria de Fátima, referindo-se ao programa que funcionou durante o governo Cristovam Buarque. Antes de continuar a falar, ressalta várias vezes: “Não estou defendendo partido nenhum. Estou defendendo a comunidade, minha irmã e eu mesma”, faz questão de frisar.

Para a cabeleireira de 45 anos, as questões partidárias não interessam. Ela reivindica é médico. Sente falta do Saúde em Casa, mas durante a campanha eleitoral do ano passado usou sua sala como comitê do PMDB — o partido do governador Joaquim Roriz. “Se for preciso, vou fazer um abaixo-assinado e levar ao Buriti”, avisa. As equipes do Saúde em Casa atendiam em domicílio e em 250 postos no Distrito Federal, que foram fechados pelo atual governo.

A irmã da líder comunitária, Maria das Dores Silva, 32 anos, é deficiente física e tem problemas mentais. Quando não está em crise, parece uma pessoa normal. Gosta de conversar. “Eu gostava do médico aqui em casa. Era bom, conversava com a gente. Até distraía”, conta Dores. As duas moram sozinhas, em uma casa na quadra 210, em Santa Maria.

“Ele era verdadeiramente um médico de família”, lembra Ana Elita Moreira de Souza, 52 anos, diabética e hipertensa. Ela não reclama do atendimento médico que recebe atualmente, mas as comparações também são inevitáveis. “Perdemos o médico especialista de hipertensão. Hoje vamos ao clínico geral.”

NOITE NO POSTO

Ana Elita considera que está sendo bem tratada. Apesar de ter ficado até setembro “sem consulta e sem remédio.” Durante o ano, muitas vezes ela dormiu no posto de saúde para conseguir ser atendida. Mas desde a semana passada, ela não precisa mais enfrentar filas para chegar ao médico. Ana Elita faz parte de um grupo de

pessoas hipertensas e diabéticas, e a rede pública de saúde presta-lhe assistência especial.

“Só que a gente não tem um médico certo, cai sempre na mão de um clínico diferente. O médico do Saúde em Casa conhecia bem a gente. Se ele voltasse seria muito bom”, diz a dona-de-casa que cuida filhos de vizinhos para melhorar a renda familiar.

No posto de saúde da QNP 10/14, no P Sul, a maioria das pessoas que estavam na fila na tarde de terça-feira nunca ouviram falar no programa Saúde da Família. Mas Edneide de Souza Moraes, 21 anos, sabe o que era ter médico perto de casa. “Precisei de pediatra e ginecologista, e tinha na minha quadra”, diz, referindo-se às casas-consultório do governo

Cristovam. “Agora, olha a fila. O menino está com catapora”, mostra o rostinho de Leandro, 11 meses. “Talvez o médico atenda, mas não informaram a hora. Sei como é isso. Vou embora.”

A dona de casa Fátima Aguiar, 45 anos, também tem vontade de desistir do tratamento cada vez que enfrenta a fila. “Estou desde sexta-feira tentando ser atendida. O Saúde em Casa era uma maravilha. Antes não tinha esta multidão no posto de saúde.”

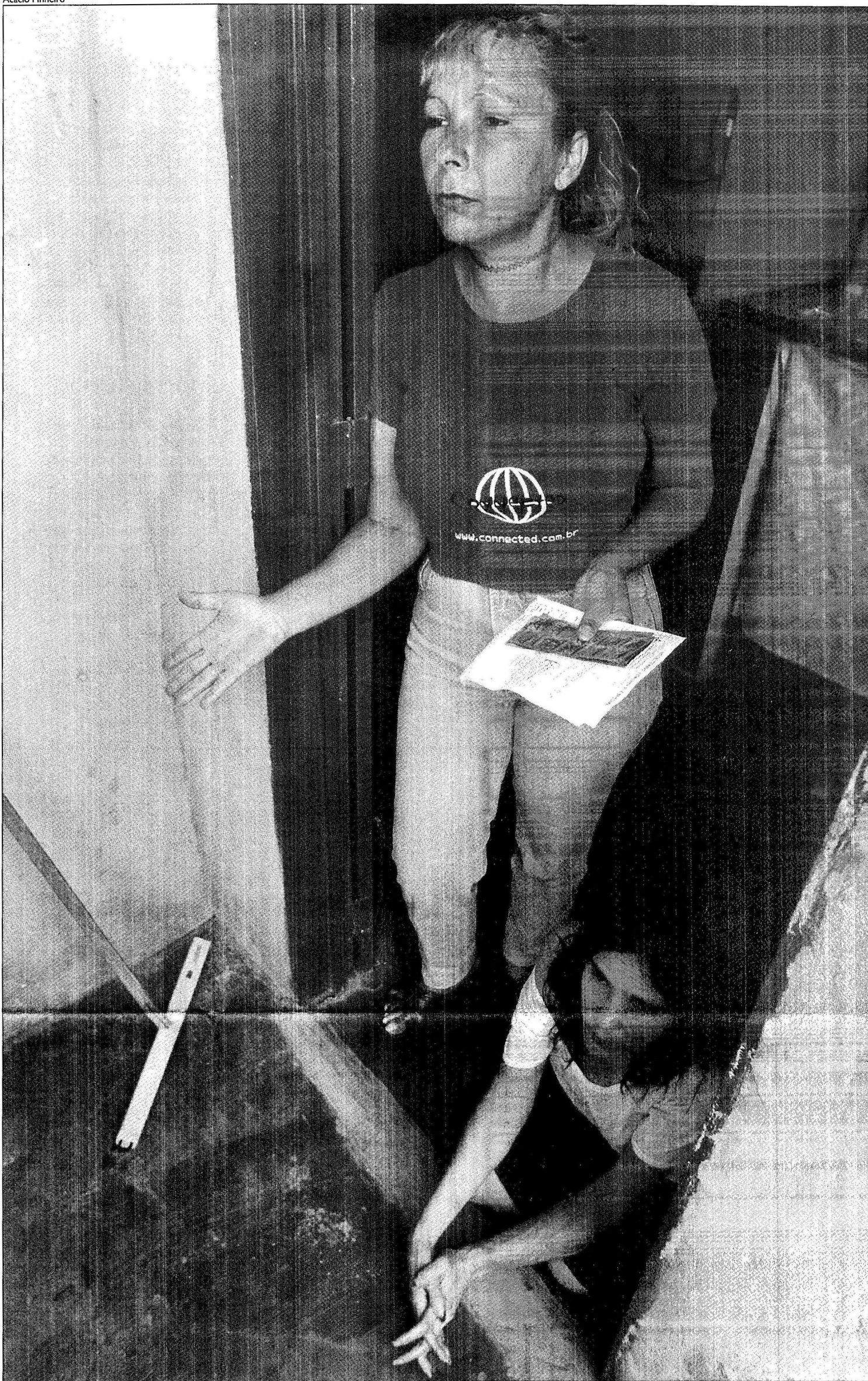
Manoel Martins, 64 anos, sabe muito bem o que é esperar. Na última terça-feira chegou ao posto às 12h. E às 15h não havia sido atendido. As pessoas nas fila ficaram revoltadas. “Coitadinho, ele já desmaiou aqui e ninguém atende”, diz uma mulher. O rodoviário, motorista, confirma.

“Desmaiei mesmo. Não sei o que tenho, há cinco dias não consigo comer. Vomito tudo, até água. Mas os médicos não têm culpa do atendimento”, ressalta. “Eles têm péssimas condições de trabalho. Antigamente, tinha um posto em cada quadra”, afirma, sentado com a cabeça apoiada nas mãos, cotovelos nos joelhos, enquanto espera providências.

A coordenadora do Saúde em Família no Distrito Federal, Maria da Paz Coutinho Dutra, que também é subsecretária de Projetos Especiais, reconhece que existem problemas de falta de médicos. Mas justifica que o programa ainda está em fase de estruturação. Criado em 7 de junho, já tem 62 equipes de assistência médica e 30 de assistência odontológica no Distrito Federal, embora algumas ainda não estejam com os quadros de profissionais completos.

“Até o final de dezembro e início de janeiro, muitos médicos já inscritos no programa devem assumir as funções, pois estarão terminando a residência”, diz Maria da Paz. Residência é o período de estágio de médicos que - depois de formados - estão frequentando cursos de especialização.

Acácio Pinheiro



Maria de Fátima leva a irmã Maria das Dores, deficiente, ao posto de saúde: “O médico não tem culpa, mas minha irmã ficou sem assistência.”

DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS

Saúde da família

- Lançado em 7 de junho de 1999, tem 62 equipes de assistência médica e 30 equipes de assistência dentária no Distrito Federal. Algumas equipes ainda estão incompletas. Todos os profissionais contratados trabalham em período integral.
- A perspectiva é que, no próximo ano, as equipes de assistência médica cheguem a 170, na primeira fase de ampliação do programa. Ainda não está definido o número total de equipes que serão criadas durante os quatro anos de governo.
- Cada equipe de assistência médica tem um médico, um enfermeiro, três auxiliares de enfermagem, cinco agentes comunitários e um servente.
- Cada equipe de assistência dentária tem um dentista, um técnico de higiene bucal e um auxiliar de consultório.
- O Saúde em Família funciona em postos de saúde, centros de saúde, escolas e em sete casas cedidas por particulares e associações de moradores.

Saúde em Casa

- Lançado em 5 de maio de 1997, em Santa Maria, com cinco equipes.
- Chegou ao final de 1998 com 278 equipes de assistência médica e outras 98 equipes de assistência dentária no Distrito Federal. Todos trabalhavam em horário integral.
- Cada equipe de assistência médica tinha um médico, um enfermeiro, três auxiliares de enfermagem, quatro agentes comunitários e um servente.
- Cada equipe de assistência dentária tinha um dentista, um técnico em higiene bucal e um auxiliar de consultório.
- O Saúde em Casa tinha 250 casas alugadas, que cada equipe usava como consultório. Algumas equipes, no entanto, trabalhavam em postos ou centros de saúde.
- Cada equipe atendia 1 mil famílias. Em princípio, todas as famílias tinham que ser visitadas, mas cada equipe organizava seu próprio método de trabalho.